



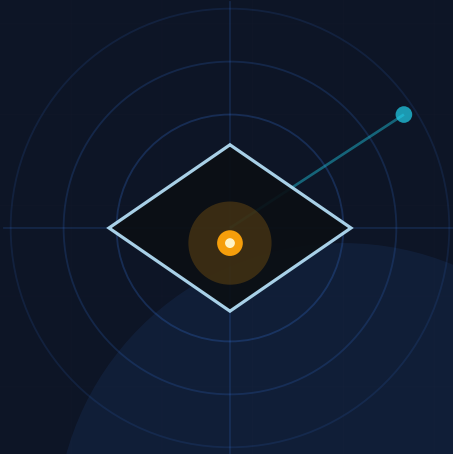
DOSSIÊ HISTÓRICO • INCIDENTE AÉREO

DIAMOND CASE

WASHINGTON • 1961

Por que a hipótese genérica de balão não identifica a forma, a iluminação, o regime de voo nem a origem do objeto observado sobre a capital norte-americana.

13 DE DEZEMBRO DE 1961 • 17H05 EST / 22H05Z



FORMA ANGULAR • QUATRO PONTAS
brilho pulsante na região inferior



CLASSIFICAÇÃO
UNIDENTIFIED

registro final da USAF



TRAJETÓRIA
ONO → ESE

compatível com o vento



OBSERVAÇÃO
1-4 MIN

múltiplas testemunhas

TESE CENTRAL

O deslocamento com o vento torna a hipótese de balão possível, mas não demonstrada. Sem correlação operacional e sem uma classe de balão capaz de explicar simultaneamente forma, luz, baixa altitude e voo aparentemente nivelado, o objeto permanece não identificado.

SUMÁRIO

Estrutura do artigo

1. Possibilidade não é identificação	3
2. Um objeto observado, não apenas uma luz	4
Convergência morfológica entre observadores	5
3. O significado técnico de UNIDENTIFIED	6
4. O vento explica a deriva, não a identidade	6
Reconstrução cinemática	7
5. O balão meteorológico não corresponde ao conjunto	8
6. Os grandes balões de pesquisa	9
7. Hynek, paralaxe e baixa altitude	9
8. O crepúsculo e a origem do brilho	10
9. E um balão de ar quente?	11
10. A percepção humana não pode ser descartada seletivamente	11
11. A investigação não encontrou o balão necessário	12
12. Um UFO propriamente dito	13
Fontes e referências	14

CRITÉRIO DE LEITURA

O artigo distingue possibilidade abstrata de identificação demonstrada. Uma hipótese convencional somente encerra o caso quando consegue explicar, com o mesmo modelo, a trajetória, a morfologia, a iluminação, o regime de voo e o contexto operacional.

PROJECT BLUE BOOK / CASO 8698797

O Diamond Case de Washington: por que o objeto de 13 de dezembro de 1961 permanece um UFO em sentido técnico

A hipótese de balão explica parte da trajetória, mas não identifica a forma, a iluminação, o regime de voo nem a origem do objeto observado sobre a capital norte-americana.

DATA	13 de dezembro de 1961	HORÁRIO	17h05 EST / 22h05Z
LOCAL	Washington, D.C.	FONTE	Observação visual civil
OBJETO	Um corpo escuro e angular	DURAÇÃO	Entre 1 e 4 minutos
CURSO	Oeste-noroeste para leste-sudeste	RESULTADO	UNIDENTIFIED

TESE CENTRAL

Não é possível provar, apenas com o arquivo, que nenhum balão atravessou a região. É possível demonstrar algo tecnicamente mais preciso: nenhuma categoria conhecida de balão identifica satisfatoriamente o objeto descrito pelo conjunto das testemunhas e dos documentos oficiais.

1. Possibilidade não é identificação

Existe uma diferença fundamental entre sugerir genericamente uma classe de objetos e identificar aquilo que foi efetivamente observado. Dizer que algo poderia ser um balão não constitui uma explicação técnica enquanto não forem apresentados o tipo de balão, suas dimensões, o local e o horário do lançamento, sua trajetória provável, sua razão de subida, o equipamento suspenso, o sistema de iluminação e a correspondência dessas características com os relatos disponíveis.

Essa distinção é decisiva para compreender o chamado Diamond Case, ocorrido em Washington, D.C., em 13 de dezembro de 1961. O processo número 8698797, preservado nos arquivos do Project Blue Book, contém 41 páginas de questionários, mensagens militares, croquis, mapas e correspondências internas. Depois de examiná-lo, a própria Força Aérea dos Estados Unidos não o classificou como balão, aeronave ou fenômeno astronômico. A conclusão registrada na ficha principal foi inequívoca: **UNIDENTIFIED**.

Isso não significa extraterrestre. Significa que havia informação suficiente para reconhecer um acontecimento aéreo relevante, mas não para correlacioná-lo com qualquer objeto conhecido. Essa é precisamente a condição de um UFO no sentido operacional e documental.

PROJECT 10073 RECORD CARD			
1. DATE 13 December 1961		2. LOCATION Washington, D.C.	
3. DATE-TIME GROUP Local 1705 GMT 13/2005Z		4. TYPE OF OBSERVATION ☒ Ground-Visual ☐ Ground-Radar ☐ Air-Visual ☐ Air-Intercept Radar	
5. PHOTOS ☐ Yes ☒ No		6. SOURCE Civilian	
7. LENGTH OF OBSERVATION 1-3 minutes		8. NUMBER OF OBJECTS one	9. COURSE East
10. BRIEF SUMMARY OF SIGHTING Dark grey object moving from W to E & passing overhead. In sight 3 minutes according to one observer. In sight for 1 min according to another at different location. No success at triangulation. Plots different. Obj was solid. Had a pulsating orange-brown glow. Object sharply outlined. Diamond shaped. About size of piper cub. Sighting fm downtown Wash D.C. Got out of car and stopped traffic. Other rpt obj also diamond shaped. Witness at Georgetown University Obj described only as dark & light no color given. Light at bottom, dull. Form 164's completed. Third witness added little or no info.		11. COMMENTS UNIDENTIFIED	
12. CONCLUSIONS ☐ Was Balloon ☐ Probably Balloon ☐ Possibly Balloon ☐ Was Aircraft ☐ Probably Aircraft ☐ Possibly Aircraft ☐ Was Astronomical ☐ Probably Astronomical ☐ Possibly Astronomical ☐ Other <u>UNIDENTIFIED</u> ☒ Insufficient Data for Evaluation ☒ Unknown			

ATIC FORM 329 (REV 26 SEP 52)

Figura 1. Ficha-resumo do Project Blue Book, página 1 do processo. O registro consolida data, local, duração de 1 a 3 minutos, um objeto em curso geral para leste, ausência de fotografias, tentativa de triangulação sem sucesso e a conclusão oficial UNIDENTIFIED. Fonte: processo 8698797.

2. Um objeto observado, não apenas uma luz

Por volta das 17h05, um homem de 44 anos estava parado no trânsito nas proximidades de Virginia Avenue e E Street NW. Em uma comunicação militar inicial, a localização aparece como F Street NW, discrepância que deve ser reconhecida, mas que não altera o núcleo do acontecimento.

O observador percebeu um objeto aproximadamente 45 graus acima do horizonte, deslocando-se em sua direção. Saiu do automóvel para enxergá-lo sem a obstrução do veículo e afirmou que o corpo passou diretamente sobre sua posição, continuando em linha reta até desaparecer atrás do perfil dos edifícios.

Não se tratava, segundo o relato, de um simples ponto luminoso. O objeto foi descrito como um corpo escuro, sólido e nitidamente delimitado contra o céu crepuscular. Sua forma lembrava um quadrado girado, isto é, um losango ou diamante. Não foram percebidas asas, cauda, hélices, cabos, cesta ou superfícies convencionais de sustentação. Na parte central ou inferior existia um brilho marrom-alaranjado que pulsava rapidamente.

O observador declarou seis anos de experiência como piloto da Marinha, atuação como instrutor de voo, formação em fotografia aérea naval e três anos como piloto civil. Essa experiência não o tornava infalível, mas torna inadequado trata-lo como alguém incapaz de reconhecer a aparência elementar de um avião, helicóptero ou balão convencional, especialmente durante uma passagem aparentemente direta sobre sua posição.

NAME <u>[REDACTED]</u> (Please Print)	(Do Not Write in This Space)
SIGNATURE <u>[REDACTED]</u>	CODE:
DATE <u>January 30, 1962</u>	

Time and location as hereinbefore stated. While stopped at stop light I saw an object about 45° above the horizon, slightly to my right, and moving toward my position. I realized immediately that the object was of an unfamiliar shape so I stepped out of the automobile in order to obtain an unobstructed view. The object continued on a straight line course toward my position and passed directly overhead. (In the meantime the traffic light had changed to "Go" and the automobiles behind me were so busy blowing horns and trying to get around me that no one took the time to look up.) As the object approached I could see no wings, protrusions of any type, or vapor or exhaust trail. As the object passed directly over my head I saw that it was diamond shaped, dark gray in color with a pulsating brown-orange glow in the center portion—absolutely no noise could be heard above traffic noise. I estimated the object to be between 1,200 and 1,500 ft. above me. As the object passed over me I turned to watch it—it appeared to have thickness in proportion to its size which I judged would be approx. the size of a Piper Cub aircraft if it were "squared off." I watched the object until it disappeared behind the ~~nearest~~ building horizon, approx. 30°. The object was very clear against the sky at all times—darker than the sky which was cloudless. Edges were sharp.

(OVER)

Figura 2. Relato manuscrito do observador principal, página 21 do processo. Ele descreve a aproximação, a saída do automóvel, a passagem direta sobre sua posição, o contorno muito escuro contra o céu e o brilho marrom-alaranjado pulsante. Fonte: processo 8698797.

Convergência morfológica entre observadores

A mensagem militar transmitida no dia seguinte já continha os componentes fundamentais do relato: forma de diamante, corpo cinza-escuro, dimensão estimada em cerca de 20 pés, trajetória retilínea e uma fonte marrom-alaranjada pulsante. Portanto, essas características não surgiram apenas no questionário preenchido semanas depois. Elas estavam registradas praticamente desde o início.

Outras pessoas observaram o fenômeno nas proximidades da George Washington University. Um homem de 26 anos relatou que um guarda universitário chamou sua atenção para um objeto escuro, sólido, com forma de diamante e uma luz opaca na parte inferior. Outra testemunha, de 57 anos, descreveu algo aproximadamente circular, mas com quatro pontas, de cor marrom e com cerca de 15 pés de dimensão aparente.

As estimativas de tamanho, altitude e duração divergem e não devem ser tratadas como medições. A duração varia entre um e quatro minutos; as dimensões estimadas ficam entre 15 e 20 pés; alguns azimutes também não coincidem. Entretanto, o núcleo morfológico permaneceu reconhecível: um único objeto escuro, angular, com quatro extremidades, iluminação inferior ou central marrom-alaranjada, deslocamento regular, ausência de ruído identificável e desaparecimento atrás dos edifícios.

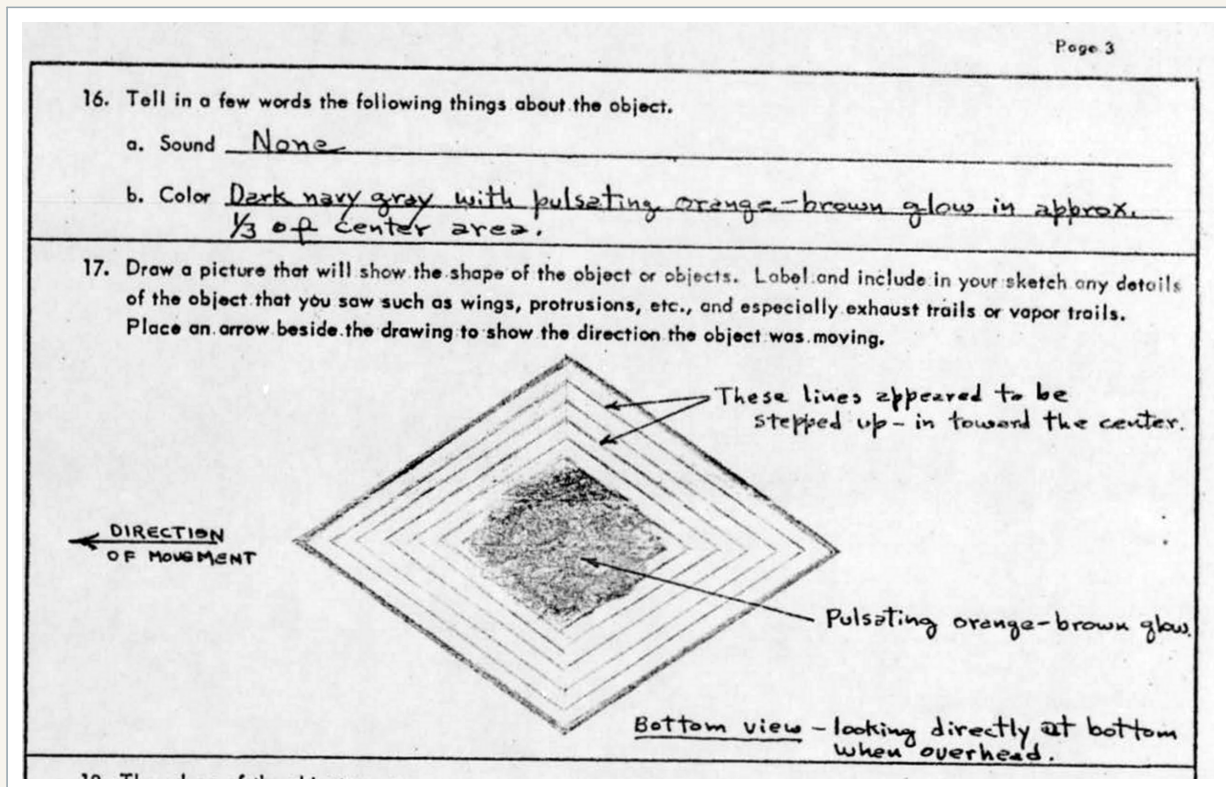


Figura 3. Croqui da vista inferior, página 15 do processo. A testemunha desenhou uma estrutura em diamante, com camadas aparentando convergir para o centro, e identificou o brilho pulsante marrom-alaranjado. O desenho registra percepção, não engenharia comprovada. Fonte: processo 8698797.

3. O significado técnico de UNIDENTIFIED

Um documento oficial do Project Blue Book, publicado pela Força Aérea em fevereiro de 1966, distinguia três categorias: casos identificados, casos com dados insuficientes e casos não identificados. Segundo a definição institucional, um caso era considerado unidentified quando continha os dados pertinentes para sugerir hipóteses válidas, mas a descrição ou o movimento do objeto não podiam ser correlacionados com qualquer objeto ou fenômeno conhecido.[2]

O caso de Washington não foi simplesmente arquivado por falta de informação. A ficha contém horário, locais, duração, meteorologia, direções aproximadas, desenhos, múltiplos observadores e avaliações de credibilidade. Mesmo assim, a Força Aérea não conseguiu correlacioná-lo positivamente com um balão, avião, helicóptero ou fenômeno natural.

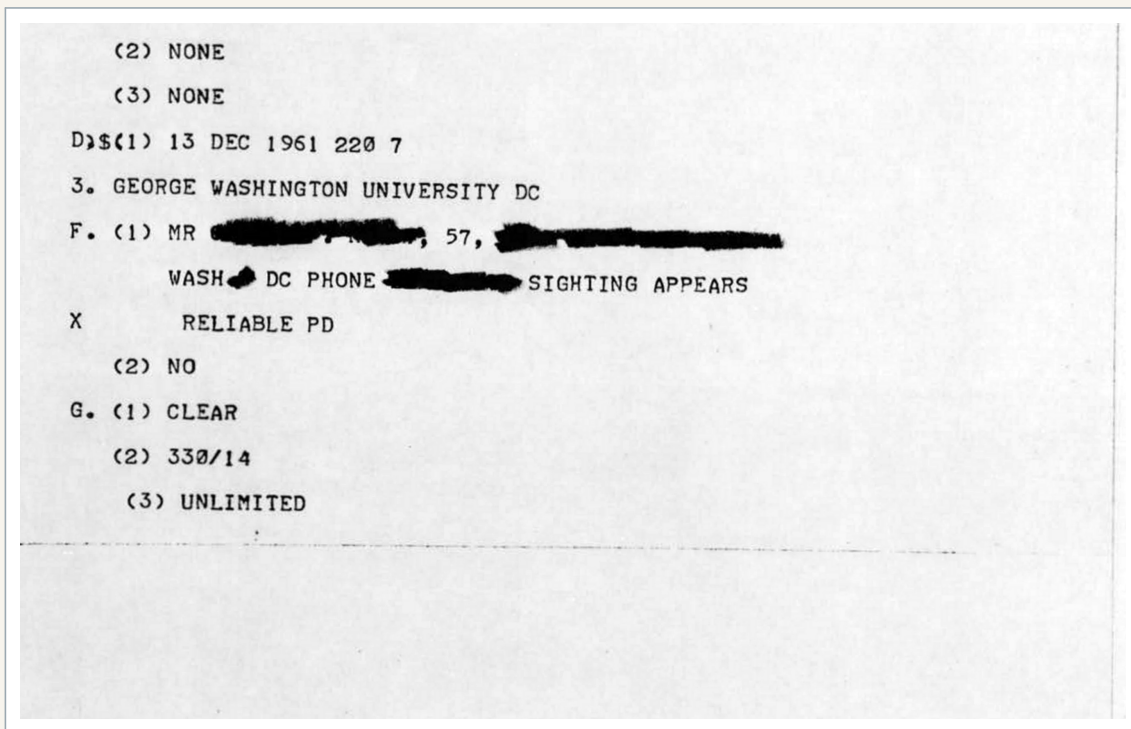
O National Archives informa que, dos 12.618 relatos processados pelo Blue Book entre 1947 e 1969, 701 permaneceram não identificados.[3] O Diamond Case pertence exatamente a essa categoria: um episódio sobre o qual havia informação, mas nenhuma identificação defensável.

4. O vento explica a deriva, não a identidade

A meteorologia registrada nas mensagens militares indicava céu limpo, visibilidade superior a 15 milhas e vento de 330 graus com 14 nós. Um vento de 330 graus sopra do noroeste em direção ao sul-sudeste, aproximadamente 150 graus.

A comunicação militar inicial atribuiu ao objeto uma trajetória de 315 para 135 graus. A linha entre a região de Georgetown e o então Washington National Airport também se orienta aproximadamente para 161 graus. Portanto, existe concordância real entre o movimento geral do objeto e a direção do vento.

Essa concordância torna plausível que o objeto estivesse derivando com a massa de ar e enfraquece qualquer afirmação de que executava uma navegação independente ou manobra extraordinária. Mas compatibilidade com o vento não equivale a identificação como balão. Pipas, detritos, aeronaves muito lentas e diferentes objetos aerostáticos também podem deslocar-se parcial ou integralmente no mesmo escoamento.



(2) NONE
(3) NONE
D)\$(1) 13 DEC 1961 220 7
3. GEORGE WASHINGTON UNIVERSITY DC
F. (1) MR [REDACTED], 57, [REDACTED]
WASH DC PHONE [REDACTED] SIGHTING APPEARS
X RELIABLE PD
(2) NO
G. (1) CLEAR
(2) 330/14
(3) UNLIMITED

Figura 4. Trecho do teletipo referente ao observador de 57 anos na George Washington University. O documento registra que o avistamento parecia confiável, céu limpo, vento 330/14 e visibilidade ilimitada. Fonte: processo 8698797, página 34.

Reconstrução cinemática

Uma reconstrução complementar dos dados do Integrated Global Radiosonde Archive mostra que a estação Washington/Dulles registrou, às 00h UTC de 14 de dezembro, aproximadamente duas horas depois do episódio, vento de 320 graus e 8 metros por segundo próximo à superfície, passando para cerca de 317 graus e 11 metros por segundo pouco acima dela.[5] Embora Dulles estivesse a oeste da cidade e o perfil não represente uma medição exatamente sobre o objeto, o arquivo confirma a persistência de um escoamento de noroeste.

Admitindo provisoriamente uma altitude de 1.200 a 1.500 pés e os ângulos de 45 e 30 graus fornecidos pelo observador principal, o trecho visível teria aproximadamente um a 1,25 quilômetro. Um objeto levado por ventos de 14 a 20 nós poderia atravessar essa distância em algo entre um minuto e meio e três minutos. Isso está dentro da dispersão dos tempos relatados.

A cinemática é compatível com deriva, mas não informa o que estava derivando. Para transformar acompanhava o vento em era um balão, ainda seria necessário identificar uma classe de balão compatível com as demais propriedades.

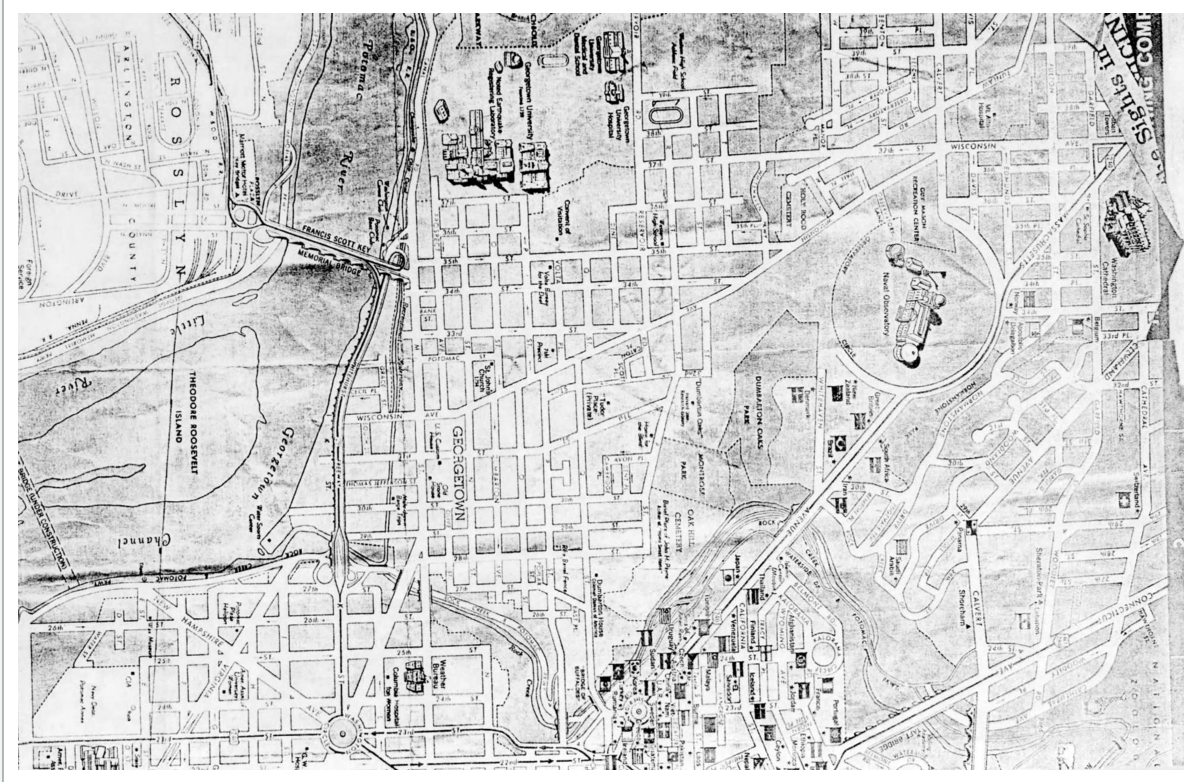


Figura 5. Mapa de Washington incorporado ao processo para a reconstrução das direções observadas. A ficha principal informa que os traçados divergiram e que não houve triangulação bem-sucedida. O mapa oferece contexto espacial, mas não uma trajetória tridimensional determinada. Fonte: processo 8698797, página 24.

5. O balão meteorológico não corresponde ao conjunto

Um radiossonda convencional utiliza um balão de borracha aproximadamente esférico, inflado com hidrogênio ou hélio, com um pequeno conjunto de instrumentos suspenso por uma linha abaixo do envelope. Segundo o National Weather Service, esses balões sobem aproximadamente 300 metros por minuto, cerca de mil pés por minuto.[6]

Esse comportamento é importante. Um balão meteorológico visto a apenas 1.200 ou 1.500 pés não deveria permanecer em voo horizontal e altitude aparentemente constante durante vários minutos. Em dois minutos, sua subida típica seria da ordem de dois mil pés. Mesmo reconhecendo que estimativas visuais de altitude são imprecisas, uma radiossonda próxima ao lançamento apresentaria componente vertical significativa.

Sua morfologia também seria diferente. O envelope seria predominantemente arredondado, com o radiossonda suspenso abaixo. O que foi relatado, ao contrário, era um corpo angular, com quatro pontas, sem carga pendurada e com brilho pulsante aparentemente integrado à sua parte inferior ou central.

O horário também não favorece um lançamento meteorológico rotineiro. As observações regulares de altitude são nominalmente realizadas às 00h e 12h UTC.[7] O episódio aconteceu às 22h05 UTC, quase duas horas antes do horário nominal seguinte. Lançamentos especiais existiam e os voos regulares podiam ser iniciados antes do horário de referência, de modo que isso não constitui exclusão absoluta. Contudo, o dossiê não contém qualquer lançamento correlacionado ao caso.

6. Os grandes balões de pesquisa

A Força Aérea conhecia perfeitamente a possibilidade de grandes balões científicos causarem relatos de UFOs. O documento do Blue Book de 1966 menciona balões de pesquisa com até 300 pés de diâmetro, luzes de posição noturna e efeitos provocados pela iluminação solar através do material do envelope. Também informa que o Balloon Control Center de Holloman Air Force Base mantinha registros dos balões militares de pesquisa.[2]

O problema é que um grande balão estratosférico introduz contradições diferentes. Esses veículos eram estruturas enormes de polietileno, geralmente arredondadas, lobadas ou em forma de pera, acompanhadas por trem de voo, paraquedas e carga suspensa. Sua operação normal ocorria a altitudes de dezenas de milhares de pés. Nessas condições, poderia permanecer iluminado pelo Sol durante o crepúsculo e parecer internamente brilhante. Contudo, não produziria a grande paralaxe e a passagem aparentemente baixa relatadas no caso.

Para sustentar um balão estratosférico, seria necessário afastar as estimativas de baixa altitude, a passagem sobre o observador, a paralaxe e as dimensões aparentes. Para sustentar um balão baixo, seria necessário explicar por que ele apresentava a forma de um diamante rígido, sem envelope arredondado ou carga suspensa. A hipótese muda de tipo toda vez que encontra uma dificuldade, sem jamais produzir um modelo único que explique o conjunto.

7. Hynek, paralaxe e baixa altitude

J. Allen Hynek examinou os mapas e escreveu ao major William T. Coleman em 28 de dezembro de 1961. Uma verificação preliminar indicava paralaxe considerável e, fosse o que fosse, o objeto parecia estar voando muito baixo. A tentativa de triangulação não foi conclusiva, mas a impressão de proximidade era parte central da avaliação.

Hynek relatou ainda a opinião de um aviador experiente que afastava um helicóptero pela ausência de rotores, luzes de navegação e ruído. O astrônomo, contudo, registrou que dava algum peso à avaliação, mas não se considerava em posição de julgá-la definitivamente. Também sugeriu que um objeto baixo talvez não fosse detectado em meio ao retorno urbano do radar e que pilotos em aproximação poderiam estar concentrados no procedimento de pouso.

A carta é valiosa justamente por sua cautela. Ela não endossa uma origem exótica. Demonstra que um consultor científico reconheceu a coerência de um objeto baixo, examinou explicações convencionais e permaneceu sem identificação conclusiva.

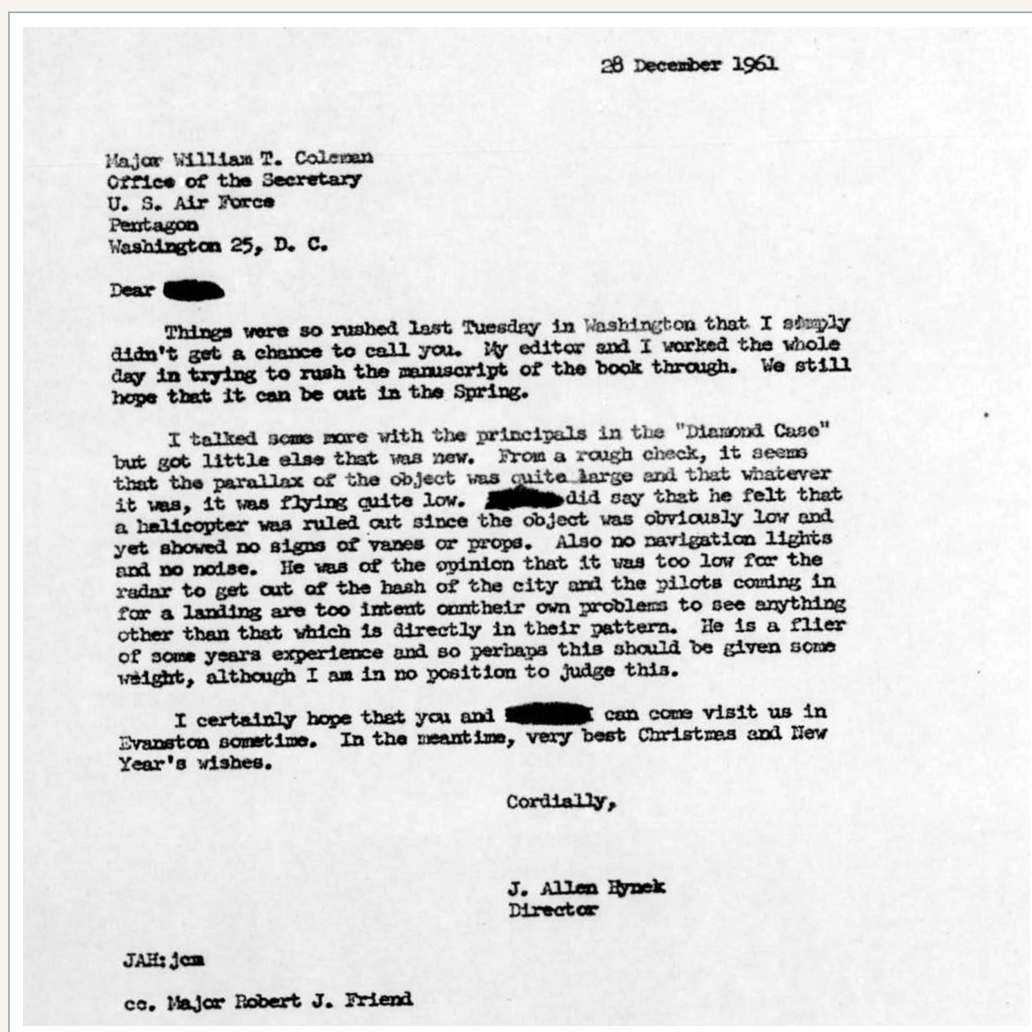


Figura 6. Carta de J. Allen Hynek ao major William T. Coleman, de 28 de dezembro de 1961. Hynek menciona grande paralaxe, voo aparentemente baixo, ausência percebida de elementos de helicóptero e a possibilidade de o objeto permanecer abaixo da cobertura útil do radar urbano. Fonte: processo 8698797, página 12.

8. O crepúsculo e a origem do brilho

O avistamento ocorreu durante o crepúsculo. Uma reconstrução baseada nos dados astronômicos do U.S. Naval Observatory coloca o por do sol em Washington por volta das 16h47. As 17h05, o Sol estava aproximadamente quatro graus abaixo do horizonte.[8]

Nessa condição, um objeto realmente situado a 1.200 ou 1.500 pés estaria dentro da sombra da Terra. Para continuar recebendo luz solar direta com o Sol quatro graus abaixo do horizonte, um objeto teria de estar aproximadamente acima de 15 quilômetros, desconsideradas pequenas correções de refração. Portanto, o brilho marrom-alaranjado não pode ser atribuído simultaneamente ao reflexo solar e a um objeto muito baixo.

Um grande balão estratosférico poderia estar iluminado pelo Sol, mas isso entraria em conflito com a grande paralaxe e a aparência de passagem próxima. Um objeto baixo poderia produzir luz própria, mas então seria necessário identificar o sistema que gerava o brilho pulsante. Essa tensão elimina uma explicação comum em casos crepusculares: a de que uma superfície distante, ainda iluminada, parecia luminosa contra o céu escuro.

9. E um balão de ar quente?

Entre as hipóteses aerostáticas, o balão de ar quente é a que melhor explica uma luz alaranjada pulsante. Um queimador de propano opera em intervalos e poderia iluminar a parte inferior do envelope. O balão também derivaria com o vento e poderia manter uma altitude aproximadamente controlada.

Entretanto, o contexto histórico torna essa possibilidade muito menos trivial do que parece. O balão de ar quente moderno havia acabado de ser desenvolvido. Paul Edward Yost realizou o primeiro voo livre da era moderna em 22 de outubro de 1960, apenas 14 meses antes do caso. Segundo o National Balloon Museum, o protótipo tinha aproximadamente 40 pés de diâmetro e volume de 30 mil pés cúbicos.[9] A biografia técnica de Yost informa que o primeiro balão foi vendido a um particular somente em 1962.[10]

Assim, em dezembro de 1961, o balonismo moderno de ar quente ainda não era uma atividade civil disseminada. Tratava-se de tecnologia experimental, ligada inicialmente a Yost, à Raven Industries e a projetos patrocinados pela Marinha. Um voo desse tipo sobre o centro de Washington e nas proximidades do Washington National Airport seria operacionalmente extraordinário, não uma presença recreativa banal que pudesse ser presumida sem qualquer registro.

A morfologia continua sendo o principal obstáculo. O protótipo de Yost possuía grande envelope curvilinear, não um corpo achatado em forma de diamante. Uma passagem baixa deveria permitir a percepção do envelope, da abertura inferior, do queimador e da gôndola ou estrutura suspensa. Nenhum observador descreveu esses componentes. Ao contrário, falaram em um objeto de contorno rígido, escuro, com quatro extremidades e brilho incorporado à sua região central ou inferior.

As estimativas de 15 ou 20 pés não são confiáveis o suficiente para excluir sozinhas um balão de 40 pés. A falta de ruído também não é decisiva, porque o observador principal estava em meio ao trânsito. Entretanto, forma, proporção, ausência de gôndola e organização da luz não correspondem à arquitetura conhecida de um balão de ar quente daquele período.

10. A percepção humana não pode ser descartada seletivamente

É correto dizer que testemunhas podem errar tamanho, distância, velocidade e até forma. O próprio processo demonstra isso: horários, durações e azimutes variaram à medida que os observadores tentaram reconstruir o episódio. Não existe razão para transformar estimativas humanas em dados instrumentais.

Mas a falibilidade perceptiva não pode ser invocada de forma seletiva, descartando justamente todas as características que contrariam uma explicação previamente escolhida. Se a forma de diamante, as quatro pontas, o corpo escuro, o contorno nítido, a luz central, a ausência de carga suspensa, a passagem sobre o observador e o voo aparentemente nivelado forem considerados erros, resta apenas um objeto qualquer movendo-se com o vento. Nesse ponto, balão já não resulta dos dados: torna-se uma possibilidade inserida depois que os dados foram removidos.

A observação principal não foi instantânea. O objeto foi acompanhado continuamente, aproximou-se, passou aparentemente sobre a testemunha e afastou-se até ser ocultado pelos

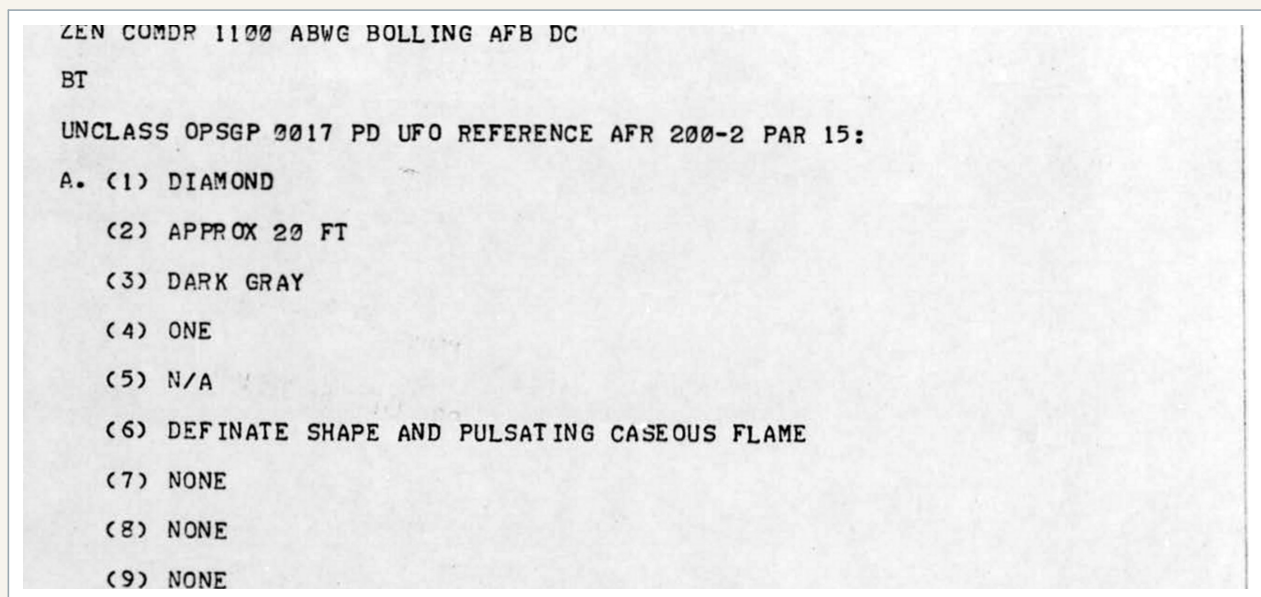
prédios. A forma foi observada contra um céu ainda iluminado pelo crepúsculo, proporcionando contraste favorável para a percepção de uma silhueta. Outros observadores, em outro ponto da cidade, registraram uma estrutura com quatro pontas e luz inferior.

11. A investigação não encontrou o balão necessário

As mensagens sobre o episódio foram encaminhadas ao Air Defense Command, à 26th Air Division, ao Air Technical Intelligence Center de Wright-Patterson, à inteligência da Força Aérea e a outras unidades. Os observadores foram considerados confiáveis ou muito confiáveis, e um oficial de aeródromo registrou que os avistamentos pareciam confiáveis, embora a causa permanecesse desconhecida.

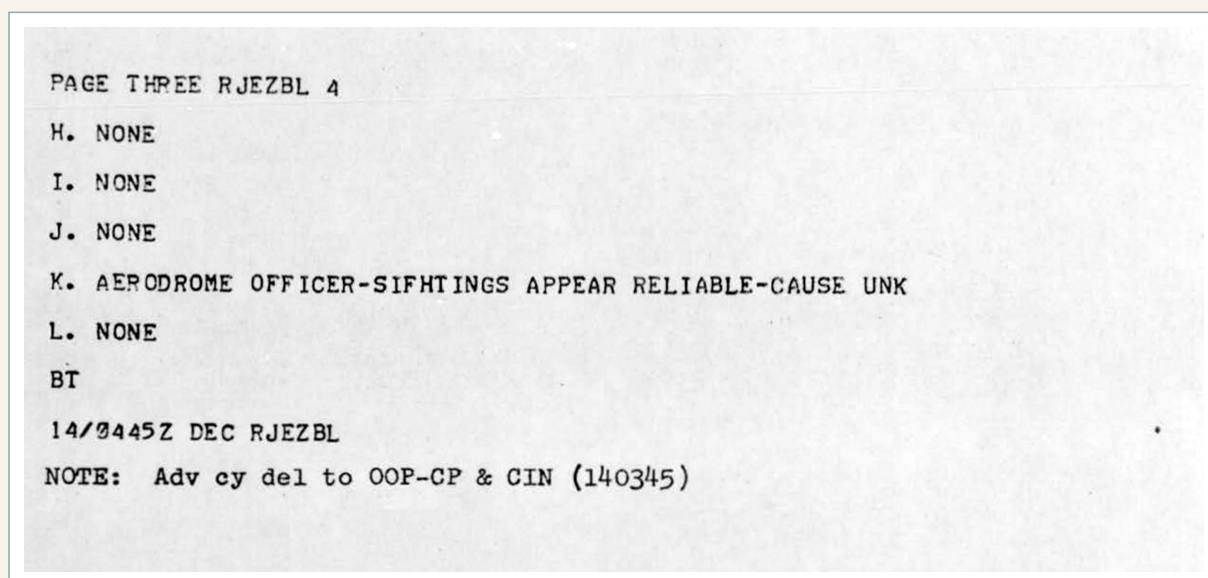
A documentação institucional afirma que o Blue Book possuía contatos com unidades da Força Aérea, centros civis de controle de tráfego e o sistema de acompanhamento de grandes balões militares. Isso não prova que todas as verificações possíveis tenham sido realizadas neste caso. O arquivo não contém relatório detalhado de consulta a todos os centros de balões ou registros de voo. Essa ausência é uma limitação da investigação.

Mas ela também impede que uma identificação inexistente seja adicionada retrospectivamente. Não ha no processo número de voo, estação de lançamento, operador, trajetória prevista, telemetria, tipo de envelope ou carga que permitam atribuir o fenômeno a um balão específico.



```
ZEN CUMDR 1100 ABWG BOLLING AFB DC
BT
UNCLASS OPSGP 0017 PD UFO REFERENCE AFR 200-2 PAR 15:
A. (1) DIAMOND
    (2) APPROX 20 FT
    (3) DARK GRAY
    (4) ONE
    (5) N/A
    (6) DEFINATE SHAPE AND PULSATING CASEOUS FLAME
    (7) NONE
    (8) NONE
    (9) NONE
```

Figura 7. Trecho do teletipo da USAF enviado em 14 de dezembro. A mensagem registra um objeto em forma de diamante, com cerca de 20 pés, cinza-escuro e dotado, na linguagem do relator, de forma definida e chama gasosa pulsante. A expressão descreve a aparência observada; não constitui análise de propulsão. Fonte: processo 8698797, página 38.



PAGE THREE RJEZBL 4

H. NONE

I. NONE

J. NONE

K. AERODROME OFFICER-SIFHTINGS APPEAR RELIABLE-CAUSE UNK

L. NONE

BT

14/0445Z DEC RJEZBL

NOTE: Adv cy del to OOP-CP & CIN (140345)

Figura 8. Encerramento da mensagem militar. O oficial de aeródromo registra que os avistamentos pareciam confiáveis e que a causa era desconhecida. Fonte: processo 8698797, página 40.

12. Um UFO propriamente dito

O Diamond Case não apresenta aceleração extraordinária, velocidade hipersônica, mudança abrupta de direção, transição entre ar e água, interferência eletromagnética ou qualquer outro desempenho que exigisse tecnologia além dos conhecimentos de 1961. Sua trajetória era regular e, em grande medida, compatível com o vento.

Sua anomalia está em outro lugar: na existência de um objeto aparentemente físico, próximo, angular e iluminado, observado por pessoas diferentes e não correlacionado com qualquer veículo conhecido ou operação registrada.

A hipótese de balão permanece possível em sentido abstrato, especialmente porque a trajetória acompanhava o escoamento de noroeste e o brilho pulsante poderia lembrar um queimador. Contudo, nenhuma das classes disponíveis resolve o conjunto. O balão meteorológico sobe rapidamente e possui envelope arredondado com instrumentos suspensos; o grande balão de pesquisa opera normalmente em grande altitude e apresenta dimensões e estrutura incompatíveis; o balão de ar quente ainda era uma tecnologia experimental extremamente rara, possuía envelope de aproximadamente 40 pés e não correspondia à forma compacta de diamante descrita pelas testemunhas.

A conclusão tecnicamente correta não é que o objeto fosse extraterrestre, mas também não é que provavelmente fosse um balão apenas porque se deslocava com o vento. Essa segunda afirmação exige uma identificação que jamais foi produzida.

Algo atravessou o espaço aéreo de Washington naquela tarde. Era suficientemente definido para ser descrito como um corpo, suficientemente próximo para produzir paralaxe e uma passagem aparente sobre o observador, suficientemente prolongado para ser acompanhado entre os edifícios e suficientemente incomum para não ser reconhecido pelas testemunhas ou pela investigação militar.

CONCLUSÃO

Enquanto não forem apresentados um objeto específico e uma correlação verificável capaz de explicar simultaneamente a trajetória, a altitude, a forma, a iluminação e o contexto operacional, o Diamond Case deve permanecer onde a própria Força Aérea o colocou: um objeto voador não identificado, no sentido mais rigoroso e tecnicamente legítimo da expressão.

Fontes e referências

- [1] Project Blue Book, caso 8698797, Washington, D.C., 13 de dezembro de 1961. Dossiê integral.
- [2] U.S. Air Force. Project Blue Book, documento institucional de 1 de fevereiro de 1966: definições, procedimentos e categorias de avaliação.
- [3] National Archives. Project BLUE BOOK - Unidentified Flying Objects.
- [4] National Centers for Environmental Information. Integrated Global Radiosonde Archive - descrição e catálogo.
- [5] NCEI/NOAA. Serie histórica da estação USM00072403, Washington/Dulles, incluindo a sondagem de 14 de dezembro de 1961, 00 UTC.
- [6] National Weather Service. Radiosonde Observation: configuração e razão típica de subida.
- [7] Office of the Federal Coordinator for Meteorological Services. Federal Meteorological Handbook No. 3: horários nominais de observação 00 e 12 UTC.
- [8] U.S. Naval Observatory. Complete Sun and Moon Data for One Day.
- [9] National Balloon Museum. History of Ballooning: voo de Ed Yost em 22 de outubro de 1960, diâmetro e volume do protótipo.
- [10] National Balloon Museum. Paul E. Ed Yost: biografia técnica e cronologia da comercialização do balão moderno.

Nota metodológica: as imagens reproduzidas neste artigo são recortes das páginas do processo original. Contraste e enquadramento foram ajustados exclusivamente para legibilidade; nenhum conteúdo documental foi alterado. As estimativas geométricas e astronômicas são reconstruções analíticas e permanecem condicionadas as incertezas dos relatos visuais.